

## **EXPERIÊNCIAS DE SER E ENVELHECER: DISCURSOS DE ENVELHECIMENTO SOBRE O CORPO FEMININO.**

Janaína Leandro Ferreira (1); Rozeane Albuquerque Lima(2).

*Universidade Federal de Campina Grande - [inaleandroferreira@hotmail.com](mailto:inaleandroferreira@hotmail.com);*

*Universidade Federal de Pernambuco – [rozeanelima@hotmail.com](mailto:rozeanelima@hotmail.com)*

**Resumo:** O objetivo deste trabalho é problematizar a partir de um levantamento bibliográfico os discursos construídos historicamente para as experiências, discursos e subjetividades de ser e envelhecer. Mais especificamente, tratamos de levantar as imagens associadas aos modos de ser mulher e as práticas de envelhecimento, enquanto discursos elaborados para instituir verdades, dentro de contextos sociais e culturais específicos. Foram selecionados textos que tornaram possível trazer as continuidades e descontinuidades dos discursos para experiência de envelhecimento e sobre o corpo feminino. A metodologia foi centrada, desta forma, na análise dos discursos produzidos e que chegaram através de textos, jurídicos, históricos e científicos.

**Palavras-chave:** Experiências, Envelhecer, Feminino, Corpo.

### **INTRODUÇÃO**

O Estatuto do Idoso lei 10.741 de 1º de outubro de 2003, destinado a regular os direitos das pessoas maiores de 60 anos, instrumento de união das legislações e demandas anteriores nas medidas de proteção e responsabilidade social, representa toda uma política de governo que a partir de conselhos, comitês e comissões especiais voltou-se para dar conta de uma demanda social, científica e de grupos sociais que desde a Constituição de 1988 se abre para a questão do idoso, o ano de 1982 foi marcado como “Ano Nacional do Idoso” em conformidade com as proposições das Nações Unidas, cria-se vinculado ao Ministério da Previdência Social uma comissão para formular e coordenar sugestões para as problemáticas do idoso no Brasil. A constituição de 1988 se refere no Art.230 que é “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida (BRASIL, 1988, p.83)”. A Política Nacional do Idoso de 1994 que teve como

finalidade assegurar os direitos sociais do idoso para promover autonomia, integração e participação na sociedade efetivamente, já propõe que se crie nas áreas de educação que se crie alternativas que possibilitem a criação de programas educativos e de Universidades Abertas à Terceira Idade como meio de “universalizar”, saberes específicos, o que caracteriza demandas atuais para o envelhecimento.

Do ponto de vista da feminização do envelhecimento Debert (2004) ao pensar as mulheres na luta por mudanças culturais, especialmente, as mulheres que frequentam espaços com o perfil das Universidades Abertas à Terceira Idade, faz críticas a posições que colocam - as ainda enquanto valorizadas apenas pelo seu fator reprodutivo, em uma posição de dupla vulnerabilidade, pelo fato de ser mulher e idosa, associando suas experiências a perdas e ao abandono apenas. Os sentidos atribuídos as vivências das mulheres marcadas pelas funções biológicas e sociais subjetivam lugares, inclusive, nas próprias narrativas de si que fornecem. As mulheres que frequentam os espaços das “universidades abertas” acabam reelaborando uma representação que si que se apropria dos discursos produzidos para seus corpos.

Tratando-se das experiências de envelhecimento de mulheres, é preciso pensar, especialmente, o envelhecimento em suas várias subjetivações e normatizações a que foram sendo associados os corpos dos sujeitos. As formas de representar um lugar marginal para os modos de envelhecer femininos estiveram associados a estereótipos construídos historicamente. Tendo o corpo feminino sido controlado, vigiado e normatizado em uma série de discursos e práticas, como o corpo temido, docilizado, higienizado esteticamente, para que permanecesse condizente com o que se convencionou associar ao “ser feminino”.

Ao corpo envelhecido, foram sendo associados em relação as mulheres dispositivos e discursos que o ligam a ideias de uma busca incessante pela fonte da juventude estética, o bom e o belo, seriam atributos naturalizados como sendo parte dos corpos femininos, carregando capital físico, simbólico e social, o corpo feminino foi historicamente “violado” por dispositivos de poder-saber exercendo efeitos de significação e (res)ignificando, em performances variadas de intervenção/ manipulação para esse lugar de ser.

Segundo Elias (2001), “as experiências das pessoas que envelhecem não podem ser entendidas a menos que percebamos que o processo de envelhecer produz uma mudança fundamental da posição da pessoa na sociedade, e em todas relações com os outros (ELIAS, 2001, p.83)”, no entanto, a historiografia demonstra que uma relação de recalque foi mais acentuada,

ligada ao corpo velho feminino, posto em detrimento da celebração ao ideal de juventude, as performances e representações do corpo feminino “valoroso” são aqueles biologicamente jovens, este celebrado em detrimento das rugas, o medo do “velho” da decrepitude esteve mais associada historicamente a experiência de envelhecimento feminino.

## **METODOLOGIA**

A metodologia é centrada na análise dos discursos, através de uma breve leitura de fontes bibliográficas que trazem enunciados sobre o envelhecimento. De acordo com Foucault (2010) os discursos científicos, jurídicos, religiosos tendem a exercer vontade de verdade e são historicamente construídos e prescrevem práticas “determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos (FOUCAULT, 2010, p.39)” os discursos circulam e com eles práticas de saberes e de poderes se instauram.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A etimologia da palavra velho vem do latim de *venclu* por *vetlu*, assumindo a forma diminutiva de *vetus*, velho, passou do diminutivo latino para a forma positiva no português.<sup>1</sup> No dicionário *Aurélio*, envelhecer, estaria definido como “chegar a ser velho ou torna-se desusado<sup>2</sup>”, diferentes imagens e discursos foram sendo produzidos para essa experiência, as significações e (res)significações para a velhice, enquanto associações ao “desajustado”, “desusado”, podem ser percebidos como recorrentes, aí estão postos valores sociais atribuídos a formas de ser e estar no mundo. Produções de sentidos que são construídas dentro de contextos históricos, entre continuidades e discontinuidades na tentativa de homogeneizar lugares e experiências de ser. Velho, terceira idade, maturidade, idoso, são categorias historicamente construídas nas quais podemos observar os tratamentos dispensados a experiências de envelhecer e as relações de poder e saber estabelecidos entre os sujeitos e a sociedade no decorrer da história.

Para as significações que associam o envelhecimento as experiências femininas, desde as representações medievais, a mulher velha, foi ligada a símbolos de decadência física e moral, o discurso religioso-judaico, o jurídico e o médico, forjaram enunciados de medo e repulsa ao

<sup>1</sup> NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Livraria Acadêmica: Rio de Janeiro, 1955.

<sup>2</sup> Disponível em: < <https://dicionariodoaurelio.com/envelhecer> >

Acesso: 27/06/2016.

feminino, se destacando particularmente durante o período dos séculos XIV- XVIII não era novidade, segundo Delimeau (2009), no discurso teológico, que forneceu imagens e associações de mulheres decrepitas, feiticeiras de rostos ranzinzas, mau humoradas e enrugadas. Recorrentes na literatura, nas pinturas, servindo como divulgadoras desses discursos, possibilitando que fossem reforçados, padrões e estereótipos associados a um discurso de misoginia em relação a mulher/velha:

Um retrato ignóbil da mulher velha e feia, no mais das vezes representada como uma carcaça esquelética, Respirante múmia/ Da qual se conhece a anatomia/ Através de um couro transparente” (Sigogne). Tem, além disso, os dentes “ulcerados e negros[...]/ Retrato vivo da morte, retrato morto da vida [...] Uma época que redescobria com deleite a beleza do jovem corpo feminino ter sentido repulsa pelo espetáculo da decrepitude não tem nada de surpreendente o que realmente merece atenção é o que se escondia por trás do medo da mulher velha e feia. (DELUMEAU, 2009, p.520).

Em geral, a associação entre, a mulher velha, a esterilidade, a falta de vitalidade, ao corpo que se degradava fisicamente como uma espécie de “retrato de morte” contribuiu para a depreciação desse lugar de ser ao longo da história, pensar sobre essas formas de representações como produção de enunciados que não hesitavam em significar imagens por vezes contraditórias, mas sempre restringindo e conferindo a mulher velha um lugar antagônico ao da mulher jovem, bela, e sedutora a uma outra imagem ligava a mulher velha, a feiura, solidão e a encarnação dos vícios ocasionados por uma vida mal sucedida.

A leitura proposta por Beauvoir (2016) a qual problematiza as posições postas para a mulher na maturidade, construídas socialmente, por se encontrar de um momento em que, possivelmente, encerrará suas funções de fêmea reprodutora, assim sendo, muito mais associada a elas simbolicamente o “destino fisiológico”, e o peso dado as passagens e demarcações cronológicas estariam mais associadas as experiências das mulheres, as marcações do tempo, como puberdade, iniciação sexual, tem no corpo feminino um investimento cultural e histórico mais cruel, a feminilidade está ligada por todo um discurso acerca da sexualidade feminina em um conjunto que engloba discursos e práticas, ditos e não-ditos para o “ser mulher”.

Ao se depararem com a ideia de que teriam dedicado a existência para exercer os propósitos de um ideal de feminilidade, se encontrariam com a velhice diante de um momento de crise, sobre esse corpo, angústia e um drama moral se impunha: “muito antes da mutilação definitiva, a mulher sente-se obcecada pelo horror de envelhecer. (BEAUVOIR, 2016, p.386)”. Ao homem o

investimento empenhado em outros empreendimentos que não apenas o de cuidador dos filhos e dedicação ao lar, em relação a reprodução e as alterações biológicas teria menos prejuízos simbólicos e morais.

O drama moral se inicia, segundo Beauvoir (2016), bem antes do que os “fenômenos fisiológicos” se declararem. A ideia de que com essa experiência, a do envelhecimento, estaria desalojada e arrancada de seus projetos e funções naturalizadas por toda uma vida, fariam com que neste momento da vida quando achariam a “liberdade” dessas normativas, subitamente alcançada em face das rugas, mais libertas das amarras de cuidado com filhos, e em muitos casos, livres do marido, pela morte ou separação, se veriam diante da árdua tarefa de sobreviver a si mesmas, diante de um corpo sem promessas de futuro, sem sonhos e com desejos que deixou por realizar em detrimento do bem estar dos outros.

Nessa perspectiva, essa mulher, se voltaria para o passado, lá permaneceria a celebrá-lo, a fazer um balanço da existência e das limitações que a vida lhes colocou. A ideia de que ao “segundo sexo” cabe suportar passivamente seu destino, sendo a maturidade o momento de avaliar o que a vida lhe roubou, descobrindo que o marido e a família, seus meios de ocupação de uma vida não foram dignos do investimento de uma vida o que geraria culpa e ressentimentos em relação ao passado. A essa existência que exhibe louvar lhe os méritos e reclama justiça e reconhecimento, segundo Beauvoir:

A mulher que envelhece sabe muito bem que se deixa de ser um objeto erótico não é somente porque seu passado, sua experiência fazem dela queira ou não, uma pessoa; lutou, amou, quis, sofreu, gozou por sua conta: esta autonomia a intimida; procura renegá-la ; exagera sua feminilidade, enfeita-se, perfuma-se, faz-se toda encanto, graça, pura imanência; admira com o olhar ingênuo e entonações infantis o interlocutor masculino, evoca com volubilidade suas recordações de menina; ao invés de falar, cacarejar, bate palmas, ri às gargalhadas. É uma espécie de sinceridade que representa essa comédia. Pois o interesse novo que dedica a si mesma, o desejo de se arrancar às antigas rotinas e de partir novamente dão-lhe a impressão de que recomeça. (BEAUVOIR, 2016, p.388)

No momento de crise umas se confortam com a condição de dedicação ao lar e continuam a se confortar com esses lugares, outras lança-se a aventurar-se, a procura incessante do novo: negócios; empreendimentos, aventuras, a autora, ver nessas atitudes uma “exaltação febril”, assume-se uma descontinuidade, um exercício de morte e retorno à vida. Mas as mensagens que recebem da sociedade ainda seriam as mesmas, torna-se então um ser diferente, é na velhice que a mulher se libertaria das cadeias que a sociedade patriarcal lhe impunha enquanto normas, mas essa

liberdade teria sido encontrada tarde demais, em um momento em que não saberia mais o que fazer com ela. Lembramos que esse debate é feito pela autora na segunda metade do século XX, é preciso relativizar tais argumentos contemporaneamente. O homem, ao contrário, já por volta dos cinquenta anos estaria em plena forma de suas forças, é o momento em que está ascendendo a altas posições, a mulher, porém, ensinada a dedicar-se as funções de feminilidade, no geral, visando não um objetivo, um projeto em geral “ a maioria das mulheres, em suas atividades privadas ou públicas, visa não a um resultado a atingir e sim a se ocupar; e toda ocupação é vã quando é apenas um passatempo (BEAUVOIR, 2016,p.404)” estaria fadada a tornassem secas, indiferentes e egoístas, é justamente no final da vida que renunciariam à luta, e só na serenidade e quietude do mesmo espaço “o lar” onde a mulher velha encontraria repouso.

Contemporaneamente, emergem outros lugares que indicam a emergência de outros contornos para (re)construção das experiências de envelhecimento, as maneiras de gestar a velhice e novas sensibilidades possibilitam outras racionalidades, a expressão terceira idade, expressão cunhada na França, por exemplo, emerge como um conceito que pretendeu introduzir uma proposta de integração social para velhice juntamente com um aparato institucional que emerge a fim de dar conta de uma demanda da população, gestando novas práticas e representações comumente associadas à velhice.

Ainda na década de 1960, segundo Rodrigues e Soares (2006), objetivou-se criar uma desassociação que se estabeleceu entre os significados sociais, culturais e econômicos atribuídos pejorativamente ao termo “velho” que reforçava a ideia de exclusão social dos sujeitos com maior idade cronológica. Uma nova política francesa emerge como resultado também de uma nova postura diante da aposentadoria que fragmenta ainda mais as experiências vividas no que denomina-se chamar envelhecimento, por ocasião da longevidade alcançada a novas elaborações:

Constitui um segmento geracional dentro do universo de pessoas consideradas idosas, ou seja, são os ‘velhos jovens’ com idade entre sessenta e oitenta anos. Já os idosos com mais de oitenta anos passaram a compor a “Quarta Idade”, os ‘velhos velhos’, essa sim, identificada com a imagem tradicional da velhice. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p.7)

A vida é periodizada, sensibilidades são investidas nessas relações dos indivíduos com as faixas etárias, o conceito de idoso emerge como possibilidade institucionalizada de pensar o envelhecimento, a partir do discurso jurídico para dar conta de outras experiências a partir dos dispositivos legais. O envelhecimento, o corpo e o gênero emergem se associando enquanto capital

de investimentos discursivos, práticos e normativos. Sob esses mecanismos estão uma gama de heterogeneidades de experiências, mesmo no interior de grupos, há de se atentar para a desnaturalização dessas experiências etárias que se pretendem homogeneizadoras.

Experiência biológica, existencial e social, segundo Beauvoir (1970), seria daí de onde viria a complexidade da questão, pensar as experiências etárias, é colocá-las em uma relação social com o tempo, a prova da síntese friamente biológica e naturalizada, pois o estatuto que é dado a velhice se relaciona, e é fabricada pelas formas culturais atribuídas a ela, subjetiva lugares para os sujeitos e é subjetivada por eles de maneiras diferentes. Há um lugar dado pela sociedade, que distribui papéis, atribui valores a eles e constituições históricas que se fazem emergentes, em uma relação de interioridade e exterioridade do indivíduo com o mundo, que se constrói.

O idoso interioriza em seu próprio corpo um relacionamento com o tempo e com os outros. Como ser sujeito não é um estado estático, o ser idoso, ser velho, viver a maturidade também não se dá dessa maneira, viver está na instabilidade, no desequilíbrio, para o retorno de si a um equilíbrio que não é um, mas um outro modo, novas formas e desenhos se dão nas potencialidades do existir. Embora tenhamos que aceitar alguns dos dados biológicos, nenhum fator deve ser aceito como absoluto para ler as escritas dos homens e mulheres enquanto vivências, as sensibilidades de dada época e de cada singularidade, tal qual as experiências com o envelhecer, em cada sociedade investe em valores e sentidos para o envelhecimento condizentes com seus contextos sociais. Cada sociedade estabeleceu parâmetros para circunscrever às etapas da vida humana, dentro desses sentidos e significações, a velhice esteve associada em muitos momentos há um período nebuloso, frio, ao próprio sentido do inverno, apático e sombrio.

A partir de meados do século XIX a geriatria emerge como ciência específica para estudo do envelhecimento, como processo que possibilitou a produção e sistematização de conhecimentos sobre a velhice. A gerontologia como um campo multidisciplinar para pensar ações para as mudanças no corpo advindos com os acúmulos de anos. Esses discursos científicos marcam e institucionalizam outras implicações sociais e da saúde para o envelhecimento, emergem novos olhares, verdades e sensibilidades para os corpos velhos, para as maneiras de envelhecer. A senescência vista do ponto de vista do discurso da geriatria, enquanto campo autorizado do saber médico, na instituição de verdades para o envelhecimento, argumenta que a vida “pregressa” e a falta de cuidado do sujeito consigo seriam determinantes importantes para o bom ou mau envelhecimento. Os declínios pouco ou muito acelerados do corpo e da mente dependeriam do

próprio histórico individual do sujeito, ele é o responsável pelo cuidado do seu corpo, busca-se o ideal, o desejo pelo corpo jovem, saudável e com presteza.

A existência enquanto “estágios” correlacionam modos e configurações de vida que devem ser compatíveis com essa ou aquela idade geracional. Debert (2004) argumenta que por um lado é possível estabelecer uma desnaturalização das idades como um marcador importante da experiência vivida, e por outro lado, apropria-se das transformações da idade como mecanismo na criação de atores políticos e discursos de poder e saber. A discursão a respeito dos direitos da criança, podem ser um exemplo disso, o envelhecimento por sua vez tem sido tratado nas últimas décadas a partir de práticas e discursos que se empenham em definir novos lugares e comportamentos efeitos sob “os idosos”. A necessidade de promover integração e socialização, são acompanhadas de transformações simbólicas na construção dos discursos sobre e para esses atores políticos.

O processo de modernização da sociedade levou as formas mais acentuadas da “cronologização da vida”, a individualização e institucionalização do curso da existência definem lugares, fundamentam definição de valores e sentidos, papéis sociais, familiares e de trabalho que se encontram presentes nos sistemas produtivos normatizados, nas instituições educativas e nas políticas públicas, desde o nascer até a morte como práticas de governo de si e dos outros. Por outro lado, enquanto potenciais consumidores os idosos vistos por via das concepções de mercado tem sido interesse e alvo importantes em propagandas, comerciais, da mídia e das políticas de biopoder, vestindo a imagem do idoso em plenas condições físicas, significando emergente mercado consumidor de produtos e serviços específicos.

Cavalcante (2013) ao estabelecer um olhar sobre as práticas discursivas que dão passagens a formas de subjetivação que se operam sob os sujeitos em instituições de cuidado, como os espaços asilados, argumenta, que ainda tem se produzido culturalmente sob os asilos e os corpos ali fabricados toda uma carga pejorativa das experiências de envelhecimento, enquanto, lugar de acolhimento para os sujeitos idosos, mesmo com todo esforço de adequação aos novos padrões descritos pelo discurso médico da geriatria, os espaços asilados ainda carregam significações de um espaço onde seus praticantes são marcados pelos sentidos da degenerescência, física, psíquica e social, o que difere em certa medida dos Centros de Convivência e mesmo das Universidades Abertas à Terceira Idade.



## CONCLUSÃO

As práticas e discursos de pedagogização para um envelhecimento saudável, junto ao discurso da gerontologia orienta outros modos de governar a si, novas subjetividades e autogestão para o corpo pronunciam uma espécie de (re)fabricação dos corpos que envelhecem. Enquanto processo contínuo deve-se dar atenção desde a mais tenra idade a uma relação responsável com o corpo e para corpo. O envelhecimento bem sucedido seria a ressonância na eficácia de um conjunto de procedimentos, os idosos “vitoriosos” cultuados durante toda a vida, aos idosos seria necessário uma performance ativa. Mas podemos pensar em contrapartida, que a subjetivação dada a velhice asilar de certa maneira ainda estão associadas enquanto continuidades a discursos de apatia, de solidão, de marginalidade

Os dispositivos que emergem com os discursos científicos da gerontologia produzem novos critérios, baseados em outros méritos, uma posição ética se estabelece na relação consigo e com o outro, um *ethos* como forma de reflexão sobre as maneiras de viver a vida como *arte do cuidar-se*. O sujeito se constitui, assim, nessas práticas a partir de novos regimes de verdade sobre si, sobre os outros, emergem a partir da consciência de si, outras identidades, sujeitas a movimentos, recomposições e permanências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó, Alarcon. **A força de ontem, a ruína de hoje:** Graciliano Ramos e um relato acerca da velhice. Recife: ANPUH V encontro Nordeste de História e V Encontro Nacional de História, 2004.

\_\_\_\_\_. **Velhices Imaginadas:** memória, e envelhecimento no Nordeste do Brasil. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da UFPE, 2008.

ANDRADE JUNIOR, Lourival. Os ciganos e os processos de exclusão. **Revista Brasileira de História.** São Paulo, v.33, nº66, p.95-112, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural.** Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.

BANDINTER, Elisabeth. **O amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice: a realidade incômoda**. São Paulo: Difusora Europeia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Famílias brasileiras do século XX: valores e as práticas de educação da criança. **Revista Scielo**. Ribeirão Preto vol.5. no.3, 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Estudos Brasileiros, 1979.

CACHIONI, Meire. et. al. Metodologias e estratégias pedagógicas utilizadas por educadores de uma Universidade Aberta a Maturidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. V.40, n. 1, p. 81-103, jan./mar. 2015.

CACHIONI, Meire; NERI, Anita Liberalesso. Educação e gerontologia: desafios e oportunidades. **Revista Brasileira de Ciências e Envelhecimento Humano**. Passo Fundo. v.1, n.1,p. 99-115, jan./jun.2004.

CAVALCANTE, Silêde Leila Oliveira. **Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogeriatricos**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História e Filosofia da UFPE, 2013.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: Artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente: 1300-1800 uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIAS N. **A solidão dos moribundos seguindo de Envelhecer e Morrer**. 1ªed. Rio de Janeiro: Zagar, 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica - arte de assinar o que se lê. In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (orgs.) **Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.117-140.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

\_\_\_\_\_. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

\_\_\_\_\_. **O governo de si e dos outros. Curso de College de France (1982-1983)**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e linguagem**. N.º 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

HILNER, Regiane Rossi; HILNER, Mauro. Ciganos: um mosaico étnico. **Congresso internacional de psicologia social. Scielo: nº4. v.2, 2012**.

LAROSSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. 1ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, GUACIRA LOPES. **Gênero, sexualidade e educação**. Rio de Janeiro Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MEDEIROS, Almira Lins de. **Governmentalidade, Educação e Normatização:** As práticas de subjetivação da Universidade Aberta à Maturidade. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFCG, 2013.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955.

ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault.** Rio de Janeiro: Editora Graal Ltda, 1999.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes Históricas.** 3ªed. São Paulo: Contexto, 2014.

PRIORE DEL, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil.** 8º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: Foucault e a escrita de si de Ivone Gebara.** In: SOUZA, Luís Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de. Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito. Marília: Cultura Acadêmica Editora, 2011.

RAMOS, Keila Queiroz e Silva. **Os corpos enrugados e meus “outros” espelhos etários.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia/CCHLA da UFPB, 2008.

SAMPAIO, Paula Fautino. **Mulheres (in)dóceis: discursos e práticas de mulheres na vila de Cabaceiras- PB, 1930-1949.** Dissertação de mestrado apresentada ao PPGHUFPE: Recife, 2009.

SOARES, Magda. **Metamemórias-memórias: travessia de uma educadora.** 2ª.ed. São Paulo: Cortez, 2001.